

Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ Nº 171 JUNHO DE 2026 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR



VOZES DA FLORESTA

Jornal reflete sobre a força
da literatura indígena

Índice

4 ESPECIAL CAPA

Literatura indígena reafirma narrativas sobre ancestralidade e resistência

Isa Honório

18 RETRANCA

Prateleira

Redação *Cândido*

22 ENTREVISTA

Biblioteca ConVida

André Dahmer

por Felipe Azambuja

36 CRÔNICAS VERTIGENS

Xamã de Instagram

Fausto Fawcett

38 PENSATA

Os 70 anos de *Grande Sertão: Veredas*

Luiz Felipe Leprevost

45 PREFÁCIO

Questões de classe – O lugar que ocupamos de bell hooks

Cida Bento

50 RESENHA

O "livro estrada" de Eric Rodrigues – viagem por entre as ausências

José Carlos Fernandes

60 CRÔNICA

Os chupins e o boi de matadouro

Cristina Bresser

66 POESIA

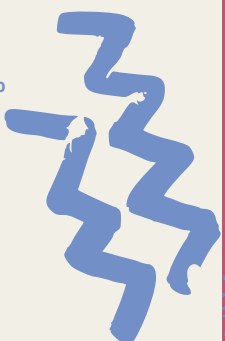
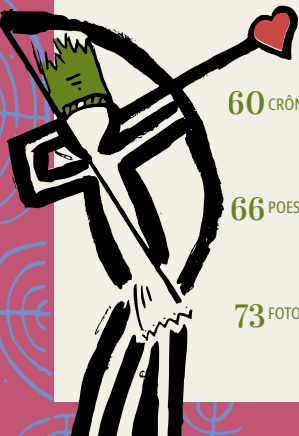
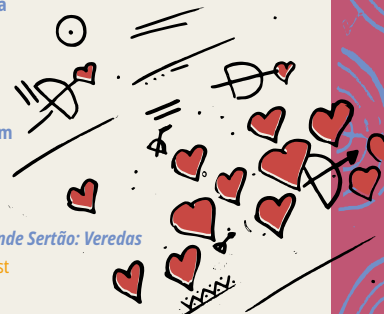
Quase dá para chamar de dança

Emily Bandeira

73 FOTOGRAFIA

A primeira do filme

Amanda Renaly



Os povos originários sempre souberam que a palavra é mais do que linguagem; ora é caminho, ora memória e agora mais que nunca: futuro.

Um arco lançado, com a precisão de uma flecha e a força de todos(as) que já passaram antes de nós. É o coração em direção à cidade. Um gesto simbólico que atravessa muros, ruas e silêncios para lembrar que a floresta continua falando, e para os ouvidos atentos, nunca se calou. É que suas vozes hoje ecoam cada vez mais longe!

A literatura indígena tupiniquim contemporânea surge como essa força viva de uma floresta conectada em suas antenas visíveis e invisíveis. Ela traz consigo ancestralidade, defesa dos territórios, direitos humanos, cuidado com a terra e os saberes que atravessam gerações. Olhar para o passado para iluminar o presente e ajudar a imaginar outros futuros possíveis.

Assim como o guerreiro da imagem, os escritores indígenas de hoje lançam palavras, atitudes que carregam em seus gestos corações, coragens, memória e amor. Narrativas feitas de flechas que buscam conquistar a cidade e transformá-la em uma grande experiência sensorial cibernética quadrimensional. Há corações curumins entre os trópicos dessa imensa Terra Brasilis dançando um novo suingue desses tempos cósmicos; porque quando a floresta escreve, o mundo de dentro aprende a escutar.

- Auíri Tiago <




Literatura indígena reafirma narrativas sobre ancestralidade e resistência

Isa Honório



Inspirados pela tradição oral, autores originários ganham destaque na cena literária contando suas próprias histórias e registrando sua cultura

Curitiba, 3 de junho de 2026. O frio dava uma tré-gua, mas nada que fizesse o sol aparecer. As araucárias se destacavam na neblina, gatos e cachorros vinham dar uma espiada, todos bem alimentados e sem vergonha das visitas. As casas se organizam ao redor de uma praçinha e uma escola, onde acontecia a inscrição para o vestibular da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A equipe do **Cândido** visitou a Aldeia Indígena Kakané Porã, primeira aldeia urbana do Sul do Brasil, localizada no bairro Campo de Santana. Quem nos recebe é o casal de escritores Jovina Renhga e Olivio Jekupé, que comentam sobre a diversidade da literatura nativa.



➤ A Aldeia Kakané Porã, primeira aldeia urbana do Sul do Brasil



> Jovina Renhga

> Olivio Jekupê

Foto: Felipe Azeiteiro

Jovina, da etnia Kaingang, vive na aldeia desde a sua fundação em 2008 e é uma das lideranças da comunidade. Incentivada por Olivio, começou a escrever sobre suas memórias e as experiências da mulher indígena. "Ele me disse 'você tem que escrever, sua história é muito bonita, uma história de luta'. E aí eu comecei a valorizar mais quem sou eu e quem é o povo kaingang. É muito importante falar da nossa história, sobre onde eu nasci e a minha atuação como mulher indígena na linha de frente", conta a artista, entre as cestas e miçangas coloridas que decoram sua casa.

Algumas de suas publicações são *A Marcha das Mulheres Indígenas* (2023) e *Uma mulher kaingang* (2025). Com coautoria de Olivio também assinou as obras *Casa de passagem* (2022) e *Coronavírus nas aldeias* (2023), sobre as dificuldades enfrentadas pelos povos originários durante a pandemia, e *História de Kairú* (2025), ficção inspirada em como o casal se conheceu. O escritor, da etnia Guarani, começou a se interessar por literatura ainda na infância. Em 1985 escreveu seu primeiro romance, *O breviário de um índio*, que foi publicado quase quarenta anos depois, em 2024. Também é idealizador da editora Jekupê, focada em literatura nativa, e autor de 35 livros, incluindo infanto-juvenis.



Em ascensão no cenário literário, as narrativas produzidas pelos povos originários têm atraído cada vez mais a atenção de editoras e festivais. Daniel Munduruku se consolida como um dos maiores nomes do país, vencedor diversas vezes do Prêmio Jabuti, e Ailton Krenak, autor do *best-seller Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), foi o primeiro indígena eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 2023. No ano passado, o Museu das Culturas Indígenas (MCI) realizou o Festival Literário Ayvu Nhevaitim, primeiro do país dedicado exclusivamente a autores indígenas, em São Paulo.

Olívio explica que apesar do aumento do número de espaços para divulgação da literatura indígena, como a sua própria editora, o interesse do público é recente e resultado de um trabalho árduo realizado por ele e outros autores nas últimas décadas. "Foram muitos anos na luta para divulgar no boca a boca, em viagens. Foi uma época difícil, porque as pessoas não tinham muito interesse nessas questões. Mas passou muito tempo e a gente foi lutando, foram surgindo outros escritores e as portas foram se abrindo".



ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA

UMÚSIN PANLŌN KUMU
TOLAMĀN KENHÍRI



Introdução de BERTA G. RIBEIRO

A TERRA É A MÃE DO ÍNDIO

NHĀNDECY

ELIANE POTIGUARA



GRUMIN GRUPO MULHER — EDUCAÇÃO INDÍGENA

O autor lembra que o primeiro livro publicado por indígenas no país foi *Antes o mundo não existia*, de Umúsin Panlõn Kumu e Tolamãñ Kenhíri, do povo Desana, que saiu somente em 1980. Cinco anos antes, Eliane Potiguara lançou o poema "Identidade Indígena", considerado o primeiro texto literário publicado por uma mulher indígena em língua portuguesa. A autora também é uma notável defensora dos direitos humanos, sendo criadora de uma cartilha de alfabetização indígena com o apoio da Unesco e da rede de comunicação GRUMIN. Seu livro *A terra é a mãe do índio* (1989), foi o primeiro publicado por uma mulher indígena no Brasil.

A escritora explica que no caso das mulheres originárias, a inserção no mercado editorial foi ainda mais difícil: "Antes da publicação existia uma produção muito forte entre as mulheres indígenas, mas ela não era reconhecida. Nossa literatura sempre existiu através da oralidade, narrativas ancestrais, cantos, rituais, da memória transmitida pelas avós e mães dentro das comunidades e também nos contextos urbanos para onde muitos indígenas foram expulsos. O que não existia era espaço editorial, legitimidade institucional e escuta".

Seu livro mais famoso é *Metade cara, metade máscara* (2004), uma mistura de poesia, denúncia, autobiografia e reflexão política. O texto dialoga com a própria experiência da autora, que nasceu e cresceu no Rio de Janeiro, ouvindo as histórias do povo Potiguara contadas por sua avó, o que foi essencial para o reconhecimento de sua identidade e ancestralidade.

"É uma obra muito íntima e, ao mesmo tempo, profundamente coletiva. Ela fala sobre fragmentação identitária, racismo, deslocamento, ancestralidade e resistência indígena no contexto urbano. O título já revela muito dessa experiência que é a necessidade que muitos indígenas tiveram de usar 'máscaras' para sobreviver numa sociedade racista e colonial. Mas também existe ali a busca pela verdadeira face, pela memória ancestral e pelo reencontro com a identidade", comenta Eliane.



Eliane Potiguara

Quem é esse Guarani?

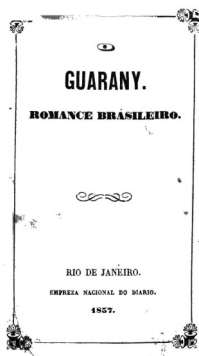
"A literatura entrou na minha vida como sobrevivência. Eu escrevia cartas para a minha avó, para que ela pudesse se comunicar com o nosso povo que ficou no Nordeste. A escrita foi uma continuação da oralidade ancestral. Meu texto nasce muito da escuta. Escuta da terra, dos ancestrais, das mulheres indígenas, dos que foram silenciados pela história oficial".

– Eliane Potiguara

Além do trabalho insistente dos autores pioneiros, a aprovação da Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da história e cultura indígena e afro-brasileira nas escolas, representou um ponto de virada para a literatura nativa no país. As editoras começaram a olhar com mais interesse para os escritores e o número de publicações aumentou. Para os autores, o marco legal também foi importante para que, pela primeira vez, os povos originários pudessem falar em primeira pessoa e quebrar estereótipos.

A literatura brasileira sempre contou com histórias inspiradas pelas culturas indígenas. No século 19, o movimento indianista surge como uma corrente do romantismo, e traz obras como o poema "I-Juca-Pirama", de Gonçalves Dias e os romances *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865), de José de Alencar. O problema dessa abordagem é que os personagens eram retratados a partir da perspectiva do colonizador, com um olhar idealizado, contribuindo para a disseminação de preconceitos.

➤ "Estamos até hoje procurando o 'Guarani' sobre o qual ele (José de Alencar) escreveu para tentar descobrir de que planeta ele veio, porque da nossa aldeia não é"



Jovina Rehnga lembra da infância, quando antropólogos visitavam sua aldeia para fazer entrevistas e publicar livros sobre a comunidade, mas nunca mais voltavam. A escritora comenta que a literatura indígena contemporânea representa a realização de seu desejo antigo de escrever sobre a própria história: "Eu vi a diferença porque muitas vezes eram contadas mentiras sobre nós. A história dos povos indígenas é muito profunda e dolorida. É uma história de morte, de muito sangue derramado e do extermínio pelos europeus. A nossa história é a realidade".

Olívio Jekupé brinca: "O José de Alencar veio e ganhou a fama, mas o que ele fazia não era a nossa literatura. Estamos até hoje procurando o 'Guarani' sobre o qual ele escreveu para tentar descobrir de que planeta ele veio, porque da nossa aldeia não é". O escritor ainda ressalta que falar em primeira pessoa é também um instrumento de luta – uma forma de expor críticas, propor discussões para a sociedade e mostrar que os povos originários não são apenas parte de uma história que já passou.

No caso das mulheres indígenas, um dos grupos que mais sofre com a marginalização no país, escrever também é uma forma de romper com o silenciamento e com um ciclo de violências simbólicas. "Durante muito tempo, a mulher indígena foi descrita pelo olhar colonial, masculino e exotizante. Quase nunca tivemos o direito de falar sobre nós mesmas. Nós trazemos para a literatura nossas dores, afetos, espiritualidade, maternidade, violência sofrida e também nossa força ancestral. Eu escrevo para afirmar que existimos, pensamos, criamos e resistimos", compartilha Eliane Potiguara.

Histórias para despertar os curumins

"Na cidade, as pessoas contam a história para as crianças dormirem. Eu nunca imaginei isso. Na aldeia, o pajé conta as histórias para a gente ficar acordado. Os brancos vão para a missa com as crianças pequeninas e fazem de tudo para elas dormirem. Na aldeia, vamos participar dos rituais à noite e elas ficam ali junto brincando e bagunçando. Elas escutam as histórias e ficam pensando nelas para ficarem acordadas.

– Olívio Jekupé



A literatura infanto-juvenil está entre os gêneros mais explorados por autores indígenas. O formato é ideal para abordar temas que fazem parte da cosmologia dos povos originários, como saberes ancestrais, respeito pela natureza e lendas sobre os seres da floresta. Além disso, apresentar a literatura nativa desde cedo é uma forma de ensinar sobre diversidade cultural e diferentes formas de ver o mundo.

As histórias inspiradas em narrativas ancestrais chamam a atenção das crianças e adolescentes. Na Bienal do Livro 2025, sediada no Rio de Janeiro, dois dos cinco livros mais vendidos foram escritos por indígenas: *Sou indígena!*, de Cláudia A. Flor D'Maria, com ilustrações de Raquel Teixeira e *Tuiupé e o Maracá mágico*, de Auritha Tabajara e Paola Tôrres com ilustrações de Tai, ambos lançados pela Companhia das Letrinhas em 2024.



Para o educador e escritor Daniel Munduruku, um dos nomes de maior relevância do gênero, o interesse pelos livros surgiu ainda na infância. Mais tarde, em sua atuação nas salas de aula, começou a usar a contação de histórias para aumentar o interesse dos alunos pela disciplina de Filosofia e responder suas dúvidas sobre os costumes dos povos originários. Fundador do Instituto Uka, instituição de educação intercultural e selo editorial especializado na temática indígena, já publicou mais de 60 livros, em sua maioria infanto-juvenis.

Daniel conta que sua literatura é pensada para alcançar principalmente crianças não-indígenas, que muitas vezes são educadas de forma preconceituosa. "Os meus livros trazem o mundo indígena em uma linguagem para as infâncias, com informação e humanização para aproximar a criança não-indígena do universo indígena. Nós entramos pelo campo do afeto, memória e identidade, que são componentes importantes para a construção de cidadãos", explica.

Daniel completa agora 30 anos de sua primeira publicação, *Histórias de Índio* (1996). Desde então, lançou sucessos como *Kabá Darebu* (2002), *Vó coruja* (2014) e *Estações* (2025), vencedor da categoria Infantil do Prêmio Jabuti. A obra discute o tempo da natureza, lembrando como somos um só com o mundo ao redor. "As crianças da cidade podem ter condições de entender a partir da literatura indígena que há muitas leituras possíveis do mundo. O mundo não é apenas o que o lado ocidental nos oferece. A ideia é que as crianças brasileiras cresçam sabendo quem são e quais são suas origens e que elas possam aceitar essa origem, respeitar e proteger", comenta o escritor.



As novas vozes da floresta

Hoje existe um movimento muito claro que mostra que os povos indígenas possuem saberes avançados e muito refinados para a vida em comunidade e o convívio equilibrado com a nossa casa comum que chamamos de planeta – o bem viver e todos os outros conhecimentos que fizeram com que esses povos se mantivessem por aqui por milhares de anos.

– Aline Franca

A nova geração chega com força, com autores de diferentes etnias e territórios. Os temas também são diversos e vão desde manifestos políticos até reflexões pessoais e intimistas. Segundo informações de Daniel Munduruku para a Agência Brasil, o Encontro de Escritores e Artistas Indígenas, que começou com 12 autores em 2003, contou na edição do ano passado, com 150 escritores, somando mais de 400 obras publicadas.

Nos últimos anos, a literatura nativa também se beneficiou da internet e das redes sociais como plataforma de divulgação. É através do site e do Instagram que a Livraria Maracá (@livrariamaraca), primeira especializada em literatura indígena do país, mantém suas atividades desde 2018. O projeto surgiu da vontade de Aline Franca, bibliotecária e idealizadora da livraria, de facilitar o encontro de escritores indígenas e leitores. No catálogo, os interessados podem encontrar nomes famosos e desconhecidos, e obras para todos os gostos e públicos.

"Hoje podemos celebrar conquistas significativas para a área, como o crescente número de pesquisas sobre literaturas indígenas, a presença dos escritores em eventos literários de renome dentro e fora do Brasil, em academias literárias e as premiações nacionais e internacionais também. Esses marcos são relevantes coletivamente, mas o mais importante é que as pessoas possam conhecer essas obras e acessá-las e desfrutá-las no seu cotidiano leitor", conta Aline.

Nas redes, além dos convites para festivais e a inclusão no catálogo de livrarias, escritores iniciantes e independentes podem se conectar diretamente com a audiência e outros artistas através de seus perfis. Surgem iniciativas como o Leia Mulheres Indígenas (@leiamulheresindigenas), das administradoras Trudruá Dorrico, da etnia Makuxi, e Jamille Anahata, da etnia Mura. Com o objetivo de divulgar a literatura produzida por mulheres originárias, são feitas indicações de leitura e rodas de conversa.

Márcia Kambeba é escritora, contadora de histórias e palestrante, e utiliza seu perfil no Instagram para apresentar seu portfólio e obras publicadas. Sempre aparece entre as indicações do Leia Mulheres Indígenas e se destaca por sua poesia, com versos livres e longos, marcados por rimas. A autora se tornou um dos nomes mais proeminentes da literatura nativa contemporânea e pretende apostar em um formato híbrido para o seu novo projeto, *Rasgos da memória*, ainda em fase de produção.



➤ Márcia Kambeba

A ideia é misturar sua história de vida com cartas e reflexões, passeando entre gêneros literários e construindo uma obra experimental e madura: "Ele é um pouco autobiográfico, mas não do jeito que se costuma fazer. O texto vem misturado com uma 'moral da história', com o que a minha história pode ajudar outras pessoas e como ela pode se relacionar com o leitor. Também é uma contribuição à pesquisa, para quem estuda memória, oralidade e identidade. Eu penso em todos os públicos", explica Márcia.

Além de sua atuação na literatura, Márcia é uma voz ativa no combate à violência contra mulheres indígenas. É inclusive um dos nomes da literatura nativa da nova geração indicados pela veterana Eliane Potiguara, que vê o cenário atual com alegria: "O mais bonito é perceber a diversidade dessas vozes indígenas contemporâneas. Não existe uma única literatura indígena. Existem muitas literaturas indígenas. Também fico muito feliz em ver jovens escritores indígenas surgindo em diferentes regiões do Brasil. Isso mostra que nossa literatura está viva, em movimento e fortalecida pela ancestralidade". <





Fotos: Felipe Azambuja

Isa Honório nasceu em São José dos Campos (SP, 2002) é formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Repórter do jornal Cômico, também é compositora e freelancer. No tempo livre, atua com produção cultural na cena de música independente em Curitiba. Se interessa por arte produzida por mulheres, política e meio ambiente.



Prateleira

O **Cândido** faz uma seleção de livros escritos por autores(as) entrevistados(as) para a reportagem principal da edição ou indicados por eles(as). São sugestões de diversas épocas, gêneros literários e para público

Redação **Cândido**

Entre escritores indígenas não é incomum se referir à literatura como uma flecha – afiada e apontada para o mundo. Ao se deixar atingir por ela, os leitores encontram narrativas que misturam ficção e realidade para apresentar uma cosmovisão carregada de sabedorias ancestrais, conexão com o território e perspectivas para o futuro.

Raoni: Memórias do cacique
Raoni Metuktire
Companhia das Letras, 2025

Registro autobiográfico de uma das vozes mais influentes do Brasil na defesa dos povos indígenas, *Memórias do cacique* traz as concepções de Raoni sobre a vida, a floresta e o mundo atual, além de compartilhar de maneira única a cultura, a cosmologia e a luta do povo Mëbêngôkre. O livro foi produzido com base em relatos feitos pelo cacique e seus netos entre 2020 e 2023.

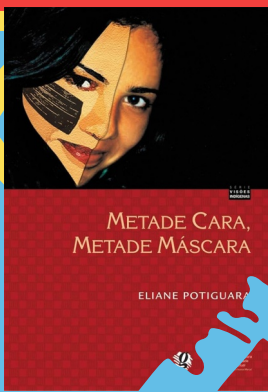
RAONI
Memórias do cacique



Metade cara, metade máscara

Eliane Potiguara
GRUMIN Edições, 2019

A obra reúne poesia, memória, denúncia e resistência. Aborda os impactos da violência e do apagamento cultural, além da luta dos povos indígenas por reconhecimento. O destaque vai para o protagonismo das mulheres na preservação da identidade, da memória coletiva e das tradições de seus povos originários. O livro foi lançado pela primeira vez em 2004, e na reedição de 2019, foi dedicado à Marcha das Mulheres Indígenas, com apresentação de Ailton Krenak.



A história de piragui

Olívio Jekupé
Ciranda na Escola, 2023



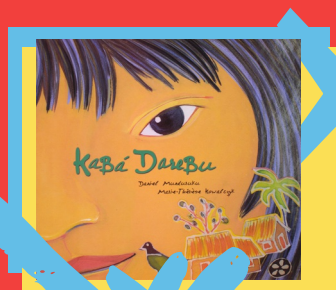
Contada por Maria Kerexu, escrita por Olívio Jekupé e com ilustrações de Simone Ziasch, a história se inspira em uma lenda guarani, passada de geração em geração. No livro, Piragui (ou sereia, em português) é conhecida por ajudar os pescadores em troca de um bebê e assustar os moradores da aldeia. A leitura é indicada para crianças de 6 a 8 anos.

Saberes da floresta

Márcia Kambeba

Jandaíra, 2020

Segundo volume da Coleção Insurgências. Na obra, a produção poética de Márcia Wayna Kambeba atua como um elo que conecta distintos saberes, favorece o diálogo entre diferentes perspectivas e inspira novas possibilidades para educar e aprender.



Kabá Darebu

Daniel Munduruku

Brinque-Book, 2002

O livro é um dos maiores sucessos do autor e conta a história de Kabá Darebu, um menino indígena que reúne sabedoria e poesia para falar sobre o seu povo, os Munduruku. Com ilustrações de Maté, a obra é indicada para crianças a partir de 3 anos (leitura compartilhada) ou 7 anos (leitura independente).

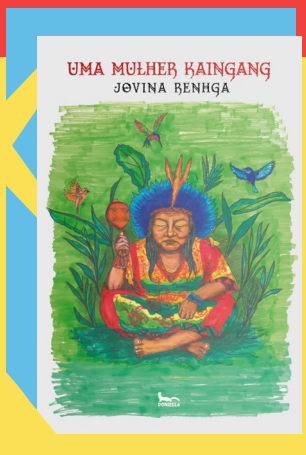


Uma mulher Kaingang


Jovina Rehnga

Donizela, 2025

A obra da escritora e ativista Jovina Rehnga reúne poemas em português e kaingang, e aborda temas como ancestralidade e as experiências de mulheres indígenas.



BIBLIOTECA CON Vida

An illustration showing two stylized human figures, one pink and one blue, sitting at a table. They are looking at an open book that is floating above them. The book has a red cover and white pages. The entire scene is rendered in a simple, cartoonish style with flat colors and no shading.

André Dahmer

por Felipe Azambuja

> André Dahmer



Na estreia do projeto da Biblioteca Pública do Paraná (BPP), o quadrinista conversou sobre a realidade do fazer artístico no Brasil

Em uma rara noite sem chuva no final de maio, o quadrinista, artista visual e poeta **André Dahmer** subiu ao palco do Auditório Paul Garfunkel, na Biblioteca Pública do Paraná (BPP) como o primeiro convidado da série de encontros **Biblioteca ConVida**. Com o tema "como rir do absurdo ajuda a digerir a realidade de hoje sem cair na alienação?", o bate-papo foi mediado pelo professor e ilustrador **Guilherme Caldas**.

Nascido em Botafogo, no Rio de Janeiro, Dahmer possui onze livros publicados, é reconhecido por seu trabalho nas séries de tirinhas "Malvados" e "Vida e obra de Terêncio Horto", além de suas tiras diárias publicadas nos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo*. Também é ganhador de cinco prêmios HQmix e um troféu Jabuti.

Na conversa, Dahmer falou, entre outros assuntos, sobre seus processos artísticos para o desenho, pintura e literatura, sua visão na formação e na realidade dos artistas no Brasil. O **Cândido** traz alguns dos destaques do bate-papo e, na sequência, uma entrevista com André Dahmer. Confira:





AS NOVAS
AVENTURAS
DO HOMEM
LITERAL

Evitar o "humor do ódio"

A gente vive um tempo em que o algoritmo patrocina essa polarização, radicalização de ideias e ideologias, porque quando você gosta de alguma coisa, ele passa a te entregar só um lado da moeda sempre. É muito difícil "furar a bolha", como eles dizem. Tenho certeza de que as redes sociais fazem muito mal para a cabeça das pessoas.

Eu próprio tenho uma luta na minha casa, porque tenho três filhas para cuidar. Uma tem 15 anos, e outra dez. A de dez a gente ainda consegue controlar essa sanha por informação, que é uma informação de péssima qualidade, é fragmentada, rasa. O que você fica vendo deitado na cama, passando o dedo na tela, é uma poeira de informação. Os doutores fazem livros nas faculdades, que são lidos pela banca e mais 50 pessoas, depois publicam um pedaço que mil pessoas vão ler, depois publicam uma frase desse pedaço, e quando você vê, está lendo uma frase da Clarice Lispector, que na verdade é do Mário de Andrade. Não tem nenhum tipo de contexto.

Eu vi meus pares, nos anos mais duros que a gente passou no Brasil, fazerem humor com raiva e com medo. São duas formas ruins de fazer humor, eu acho. Eu nunca me dobrei a isso porque acho que o humor não foi feito para violentar ninguém, sabe? No *Pasquim*, o velho Jaguar falava que o humor foi feito sempre para atirar na perna, nunca atira para matar. Eu acho exatamente isso. Por outro lado, o humor ali um traço de crueldade também. Você não faz humor também sem um pouco de crueldade, mas acho que, sobretudo, tem que ser engraçado.

Obviamente que nem todo trabalho dentro de quadrinhos precisa ser engraçado. A Laerte, por exemplo, fez durante muito tempo quadrinhos maravilhosos e saiu de alguns jornais porque não estava fazendo coisas que eram para rir. Ela abandonou os personagens de nariz bolota, os Piratas do Tietê. Tem relação com o momento da vida dela, que tinha acabado de perder um filho. Como é que você vai fazer humor assim? Nós somos de carne e osso. Como é que você faz humor quando você está se separando, quando você perde alguém querido?

Poesia e liberdade para ir além do quadrinho

Eu já fiz alguns livros de poesia, sempre com editoras pequenas. Durante muitos anos eu fiz assim porque tinha vontade de esconder o trabalho, porque a minha área de conforto é o desenho. E a Alice Sant'Anna, a minha editora da Cia. das Letras, me falou muitas vezes "vamos publicar seus poemas aqui, para de ser bobo, por favor". E o primeiro pela editora foi o *Impressão sua*, que saiu em 2021, fizemos em 2020. Inclusive, esse livro foi um dos finalistas do Prêmio Oceanos. Foi a primeira vez que eu falei "ah, então eu posso fazer poesia, não preciso me esconder mais".

Acho que quando eu desenho e quando eu escrevo, a criação funciona no mesmo lugar. Eu hoje também pinto e faço objetos. Demorei muitos anos, tenho 50 anos agora, para me sentir livre e falar que vou fazer o que eu quiser. Agora tenho esse direito, foi uma conquista, ninguém me deu isso de presente. E eu não gostaria que estivesse na minha lápide "quadrinista", é muito triste. É melhor "poeta". Até falei para minha mulher que eu tenho duas coisas que conquistei. Sempre que eu estou brigando com a minha esposa, pego o Jabuti que eu ganhei e falo "mas eu tenho um Jabuti" – eu ganhei por quadrinhos, mas não precisa espalhar isso!

A pintura e a cruz do artista

Até hoje, eu acho que não sou exatamente um pintor. Eu me considero mais um desenhista – e um poeta, se vocês puderem lembrar disso quando eu morrer.

Não existe erro na pintura, porque você pode mexer no quadro, mexer, mexer, mexer até falar: esse canto está bom. Aí você estraga o outro. É muito comum os artistas virarem os quadros para a parede do ateliê. Eu faço isso também e deixo lá por três, quatro dias, porque, às vezes, você pinta a noite inteira e vai dormir pensando que pintou um quadro incrível, e quando acorda, o quadro é uma merda.

Isso acontece na literatura também. Tem horas em que a cabeça dá uma entupida. É preciso ver depois, de novo. Eu tenho muito medo, porque com o advento da informática e do computador, você pega um texto seu e você fala, ah, não, vou mudar isso, vou passar esse parágrafo para cá. Isso está acontecendo com um romance que estou escrevendo há três anos. É muito fácil você destruir tudo refazendo. Uma das minhas maiores cruces é querer fazer, mexer e nunca achar que está bom. Saber o momento de parar, na pintura e na literatura, é que nem saber parar de beber. Tem uma hora que você fala que tem que parar, se não estraga. E estraga várias coisas, às vezes.

Este livro (*A coragem do primeiro pássaro*, Impressões de Minas e Lote 42) tem 13 anos, e eu gostaria de ter arrancado algumas páginas antes de entregar para vocês. Eu nem gosto de reler, porque toda vez que a gente revisita uma obra, sempre tem alguma coisa que poderia ter mudado. Tenho essa questão com os meus quadrinhos o tempo inteiro também. Tem livros que, se eu pudesse voltar no tempo, eu teria queimado inteiros.



Todas as pessoas podem fazer arte

Tem um problema que acontece muito, principalmente na música, que é artista que ganha muito dinheiro de uma vez só, no primeiro disco. Dinheiro atrapaalha muito. Artista, quanto mais pobre for, melhor produz – por isso que nós temos tão bons quadrinistas no Brasil. A gente ganha muito mal. Estou brincando, claro. Acho que os artistas têm que ganhar, na verdade, muito bem, mas também quando você fala "é muito difícil ser artista", na verdade, fazer asfalto no sol do Rio de Janeiro que é difícil. Vai assentar uma fileira de tijolo pra você ver um negócio.

Artista não para de trabalhar nunca, está sempre ligado. Às vezes eu estou deitado na cama e minha esposa fala, "porra, você não falou que ia trabalhar?" Eu falo "mas eu estou trabalhando", porque a gente trabalha deitado, trabalha em pé, a cabeça não para de funcionar. É muito ruim isso, na verdade, porque você não consegue beber com seus amigos sem trabalhar.

**ESTE É O H8 PLUS.
ATRAVÉS DELE RECEBO
SUSTOS, ANSIEDADES, BOLETOS,
DEMANDAS DE TRABALHO...**



Ilustração: Anojé Dahmer | Instagram: @andredahmer

Comecei a desenhar como todos vocês, aos seis anos de idade, e dei sorte. Eu era uma criança muito doente da cabeça. Entre os oito e nove anos, minha mãe me levou em vários médicos, e eu repeti dois anos até a quarta série. Um neurologista me desenganou e disse para minha mãe: "Dona Tânia, ele nunca vai chegar à faculdade, mas você ainda tem duas lindas meninas" (minhas irmãs, Tatiana e Larissa). Eu tinha um grau, uma forma de viver diferente dos outros. Meu apelido na quarta série era "Dodói". Era um desses moleques que dava muito trabalho para os pais, e dei muito trabalho na escola. Minha mãe tentou de tudo, e quando me botaram numa escola de artes, resolveu o problema. Eu virei o melhor aluno da sala, parei de gritar, de correr e quebrar coisas. Parece que toda a energia que eu tinha que botar para fora só precisava de um canal simples. Talvez, se tivessem me dado uma bateria, uma guitarra resolvesse também, quem sabe? Mas com o desenho, meus pais agradeciam a Deus por eu ficar quieto por duas, três horas seguidas.

(E o médico estava errado, porque eu passei em três faculdades.)

Desenho tal qual caligrafia

O desenho como representação do real é uma ideia que se destruiu antes do século XX, com os impressionistas e os expressionistas. É uma ideia que nos acompanha há 16 mil anos, desde quando a gente desenhava nas cavernas. A caça, o sexo, a morte dos animais, a morte do inimigo. E ele foi representação do real com os egípcios, na Idade Média, no Iluminismo, quando começamos a estudar ciências e arte. Mas tirem uma fotografia se vocês quiserem representar o real.

Encontrar o desenho que é seu, aquele que te tiraram quando você tinha 6 anos de idade, é o desenho mais difícil de todos. Porque, por exemplo, para você desenhar a Mona Lisa, você precisa quadricular uma folha em branco, quadricular uma foto da Mona Lisa, e fazer o que tem no primeiro quadradinho à esquerda no alto e assim em diante. Há um semicírculo, depois uma diagonal de 45°... Você vai ligando os pontos e

depois apaga os quadradinhos, leva para tua mãe e ela fala que o filho é um gênio porque ele sabe fazer a Mona Lisa.

Existem técnicas para desenhar o real há 400 anos. Então, isso não é desenhar. O desenho que eu tento levar aos meus alunos é aquele que chamo de mão mole. O desenho é tal qual a caligrafia, é único. Muitos aqui têm vergonha da sua caligrafia, e do desenho quase todos.

Quando chega um garoto no meu curso com mangá, eu falo "não, pelo amor de Deus!", porque o mangá é uma escola de desenho muito fechada, assim como o grafitti dos muros. É difícil você ver um artista que se sobressai e faz um trabalho completamente diferente do que já tem. A arte não tem nada a ver com cópia ou com receita, a arte é invenção. Eu prefiro dar cursos de desenho para as pessoas que nunca desenharam do que quem fez cursos pelo *YouTube* falando que o corpo tem oito cabeças e meia. Que horror, coitada dessa pessoa.

Só os chargistas são felizes no Brasil

Eu acho que aprendi a fazer quadrinho. Eu faço quadrinhos diários desde 2007, quando comecei no *Jornal do Brasil*. Rafael Coutinho, filho da Laerte, falou pra mim que talvez eu seja o cara que tem mais quadrinhos feitos no Brasil, mais do que o Angeli e a Laerte, porque eu faço para dois jornais há muitos anos. Hoje trabalho para *O Globo* e para a *Folha de S. Paulo*, e tenho que fazer 60 tiras por mês, mais as da revista *Piauí* e de quem mais pedir. Então eu acho que eu me sinto num lugar de conforto maior nos quadrinhos.

Hoje em dia, quando vou sentar pra trabalhar, eu prefiro fazer de manhã. Eu já trabalhei de madrugada, quando era mais jovem, mas hoje prefiro trabalhar de manhãzinha, das 6h até às 11h. Na verdade, eu sou que nem o Zeca Pagodinho, eu não gosto de trabalhar, nem acho bonito, digno, falar que sou um trabalhador, sustento minha família. Eu acho que trabalhar é uma merda. Se eu pudesse ser o presidente do mundo, eu libe-

rava todo mundo do trabalho.

Para fazer as tiras, não há tempo para deixar virada para a parede como os quadros, mas prazo também é uma coisa inspiradora. Amanhã eu vou acordar inspiradíssimo, porque eu vou ter que fazer cartuns para a *Piauí* até as 11h da manhã, porque sempre pedem em cima da hora.

Esse conselho eu posso dar: não façam quadrinhos no Brasil, façam na Bélgica. Cartum e charge política vocês podem fazer no Brasil, que é o melhor país do mundo para isso. Mas tem uma notícia ruim, que um país bom para um chargista morar é um país ruim para as pessoas morarem. Só os chargistas são felizes no Brasil.



Ilustração: André Dahmer | Instagram: @andredahmer

Tragicomédia brasileira

Eu acho que o Brasil é uma tragicomédia. Não sou desses com "viralatismo" de falar que o Brasil é uma merda, eu acho o Brasil um país incrível, de um povo incrível. O que a gente tem, na verdade, é uma elite do atraso, com a cabeça ainda escravagista. Um amigo

advogado, e é um homem negro, falou pra mim que passou a levar menos dura da polícia quando começou a usar óculos. Quer dizer, não faz sentido nenhum. Os policiais falam, "não, esse preto tá de óculos, então ele não vai roubar". Ele falou também que desde quando se formou em Direito e começou a usar terno, as pessoas sempre perguntam pra ele no restaurante se ele trabalha ali. O que faz mal ao Brasil não são os brasileiros, é uma pequena elite que há 500 anos se perpetua no poder, e, eu tenho muita fé que não é pra sempre. A construção de uma nação mais igual é permanente, não acaba nunca. Essas coisas que eu estou falando, daqui a 50 anos alguém vai falar de novo, que a gente tem que lutar o tempo inteiro por justiça social. Porque a luta pela justiça social, por direitos, direitos das mulheres, direitos dos gays, dos trans é permanente, porque os tempos evoluem para lugares mais saudáveis e depois voltam para lugares mais sombrios. Nunca acaba, não vai acabar nunca. A luta contra o preconceito racial, por exemplo, é pra sempre. Não vai chegar um dia que vai ter um estalo na humanidade e vão falar assim, "é, realmente, não faz sentido". Os movimentos de progressão e reação são cíclicos.



Entrevista

Por Felipe Azambuja



Como rir do absurdo ajuda a digerir a realidade de hoje sem cair na alienação?

Eu acho que o riso tem essa capacidade de ser uma válvula de escape para situações limites, por isso que o humor também fala muito de coisas tristes, como a morte. O humor gráfico brinca muito com a representação da morte. A capacidade de rir e de fazer rir também é um remédio para as coisas duras da vida, para a finitude e as tristezas da política, das situações sociais. Ela é uma ajuda para aquilo que não se resolve.

Você tem algum limite ou "autocensura" nos temas das suas tiras?

Eu nunca fui censurado por nenhuma publicação. O que existe é uma autorregulação minha e acho que de qualquer profissional da área do cartum, charge e tiras. Quando a gente começa a trabalhar profissionalmente, temos uma maior regulação do que pode fazer mal, porque estamos aqui para, mesmo com crítica, ser engraçados, que é a principal função do humor, antes de ser crítico. Mas mesmo dentro da crítica, tomo muito cuidado para não machucar ninguém, nenhum grupo, não ferir nenhum segmento já atingido por mazelas.

Por que você fala dos quadrinhos como uma área menos prestigiosa que a poesia, por exemplo?

Eu brinco que os quadrinhos são menos prestigiosos do que poesia, mas isso é uma visão cultural de como a poesia tem um lugar mais nobre na sociedade. Os quadrinhos – a banda desenhada, muitos não gostam nem de chamar de quadrinho, tirinha, no diminutivo, exatamente por isso – nunca foram enxergados como uma arte maior, como o cinema, a literatura. Sempre me perguntam se quadrinho é literatura, como se o quadrinho tivesse que chegar ao nível da literatura, o que é uma grande bobagem. Então, quando eu falo que é uma área menos prestigiosa, estou mexendo com isso, com esse preconceito de pensar que quadrinho é coisa de criança, que se adulto estiver lendo quadrinho no metrô, ele vai ser mal visto. Esse preconceito com o quadrinho no Brasil não acontece em outros países, como a Bélgica, Argentina, França, que sabem que o quadrinho é nobre, para adultos e que existem grandes obras de quadrinhos.

Fazer imitação (ainda que tosca) do real ficou mais fácil do que nunca com Inteligências Artificiais. O que você pensa sobre esta discussão enquanto artista?

Eu não sou um ludita de achar que Inteligência Artificial tem que ser proibida, porque é impossível proibir. Chegou num nível de tecnologia que é possível geração de imagem, de filme, alteração de imagem. O problema é que, como eu já disse em tira, a sociologia não acompanha a tecnologia, e as leis também. A tecnologia vai numa velocidade muito maior do que a evolução das leis do jurídico e da sociologia. Então, os sociólogos estão tentando entender ainda coisas que aconteceram há três, quatro anos.

Eu não a vejo como uma inimiga. Vejo como um lugar de encurtar trabalhos chatos. Posso queimar minha língua, mas até o momento, ela não nos substituiu. Não existe como fazer um grande romance, como um ser humano faria, com brilhantismo, com inteligência emocional, com sensibilidade. No futuro, talvez, mas eu

não vejo isso como um fantasma, uma coisa a ser exterminada, até porque não dá. O que a gente pode fazer é abordar a parte jurídica, as regras, porque o direito do autor ainda existe, e ele tem que ser contemplado para quem cria. É uma discussão muito longa que vai consumir muito tempo, mas você não pode pegar uma obra de alguém, modificar um pouco e ganhar dinheiro em cima disso.

As Inteligências Artificiais vivem do que já existe documentado na rede em forma de filme, imagem e texto. É uma discussão muito complexa. Enquanto não mudar a lei brasileira ou qualquer outra lei – e isso não está acontecendo de maneira clara, nem com o direito do autor tradicional dentro dos grandes portais de música e de vídeo – os artistas estão sendo realmente explorados, não estão recebendo o que deveriam receber de direito autoral. <





Xamã de Instagram

Fausto Fawcett

Reza a científica lenda astrofísica cheia de misticismo holístico de imanência transcendente que somos, na real radical, apenas ondas, vibrações de energia concentrada geradas pelo caos primordial, pela substância sem começo nem fim que se transmuta, transmuta, transmuta em metamorfoses fascinantes, alimentando um infinito que, explodindo em eros, lança mutações sedutoras pelo universo, essa besta-fera da indiferença cósmica, da indiferenciação absoluta. Energia concentrada gerada pelo caos criador, destruidor, transformador, inexorável de tudo em tudo até a aniquilação detonadora de êxtases terríveis e vertiginosos rumo a ressurreição, mutação, rumo a outra qualidade de pulsação das tais vibrações de energia que de repente se concentram e a tal substância sem começo nem fim dá um tempo num relógio, num organismo humano, numa árvore de Natal incendiada, numa poça de lava, num vento boreste, numa flatulência de búfalo, num desmaio de gozo inesperado da atriz pornô, numa faísca de dentes rangendo, na língua de um assassino cobrador lambendo o furo de bala na vítima devedora.

Reza a outra lenda holística, mística, transcendental, científica que, em última instância, somos a popular equação $E=mc^2$, ou seja, a matéria sacudida na velocidade da luz ao quadrado some, dissolve-se liberando uma explosão de energia antes oculta dentro dessa matéria. Uma pequena porção de matéria pode liberar uma quantidade absurda de energia. Nossos corpos ocultam quanta potência explosiva?

O caos está consignado dentro de nós cobrando eterno pedágio das nossas tentativas de civilização.

A transmutação molecular, cósmica, biológica, química, que deu origem ao ser humano provocou o aparecimento da autoconsciência, e autoconsciência é, principalmente, saber que vai morrer. Autoconsciência antinatural cheia de tara artificial. Artíficios da imaginação, da engenharia, da memória, da linguagem. Uma aberração da evolução se espalhando em duas dimensões: um buraco moral (também conhecido como natureza humana) onde se debatem afetos e desafetos, onde se debatem todos os medos, tristezas, desesperos, esperanças, desamparos, gulas, júbilos, êxtases, prazeres, desejos, vaidades, ganâncias, covardias, espertezas, grandezas de generosidade e crueldade, sintomas, mesquinhas, patologias, delírios de pertencimento, história e geografia como capas sentimentais, delírios de amor, delírios de ódio, delírios de poder, prazer da tirania, tesão da caridade, desencontros com o mundo, irracionalidades, racionalizações assassinas, condicionamentos, ânsias de poder, deleites de submissão, inquietações patológicas, quietudes patológicas, ódio e amor misturados, ressentimentos, astúcias, perspicácias, argúcias, sabedorias, vícios, virtudes, demências, estupidez arrogante, boçalidades, orgulhos cretinos, bestialidades, dores sociais entranhadas, revoltas pessoais sem alvo preciso, tumores subjetivos, mágoas tão mágoas, ressentimentos, agônias, australopitecos e sapiens sapiens em fim de carreira. Buraco moral e uma nostalgia do indiferenciado, do inominável, da infinita substância geradora de criaturas, formas, seres, matéria, antimatéria, visível, invisível jogados na extensão da besta-fera chamada cosmos. Caos consignado provoca nostalgia do infinito, do indescritível que pressiona as mentes, os corações, os corpos que influenciam as mentes, que influenciam os corpos, que desafiam com seus sentimentos gregários e civilizatórios a morte que é sua ligação verdadeira e íntima com o indiferenciado.

Em virtude da nostalgia do indiferenciado, do caos consignado estar presente pressionando os corpos, esses organismos cheios de mentes movidas pela interação de nervos com vísceras, com ossos, com artérias, com bactérias, com hormônios gerando afetos que levam a sensações comunitárias e a atitudes colaborativas e competitivas adubando sociedades, bem, em virtude dessa pressão do inominável fazemos uma gigantesca mal criação gerando civilizações e legados visando mandar a morte tomar no cu. Mas também tentamos chegar junto do caos consignado com espiritualidades, fé, rituais de dissolução do ego ou de tentativas de aumentar a potência dos tais feixes de energia, que, de acordo com lendas de autoajuda assim bem espirituais, vibram infinitamente enquanto a substância primordial dá um tempo na matéria humana. O problema é que vamos sempre bater na trave obtendo êxtases lisérgicos ou yogues ou sensitivos ou descobrindo outros estados de consciência rumo a uma condição anfíbia onde conseguiríamos administrar nossas potências vibratórias, nossos feixes de energia caótica consignada e ao mesmo tempo viveríamos nossos cotidianos medíocres de sobrevivência e interações sociais, etc. Mas a verdade é que já existem alguns desses anfíbios humanos-mais-que-humanos escondidos por aí. E também é verdade são raríssimos pois não temos equipamento orgânico ou mental para aguentar o tranco da besta-fera cósmica explodindo no nosso plexo e nos ligando ao inominável, ao indescritível, ao infinito mutante, ao caos gerador, destruidor de tudo. Podemos flertar com ele através dos tais exercícios espirituais ou que nome tenha qualquer reza, oração, ladainha, dança, sacrifício, ação ou contemplação que acione adrenalinas, citosinas, endorfinas, dopaminas e outros hormônios motivadores provocando uma saída do cotidiano num enlevo descomunal. Chegar perto da fronteira com a morte para dar continuidade ao processo. Despertar o que não se sabe no nosso assim chamado corpo. Podemos flertar, mas não aguentamos a carga, digamos, cósmica absoluta. Batemos na trave. E já é muito. Quem tenta desafiar essa precariedade acaba mal.

E é por isso que repórteres, policiais, forças armadas, cientistas, população em geral cercam um canto de praça onde dezenas de pessoas flutuam numa espécie de redemoinho. Algumas com o peito sangrando, aberto, sangrando. Pulmões e coração saltando para fora como as asas e a cabeça de um pássaro aprisionado. Outras com os nervos literalmente saltando como espinhos abrindo caminho na flor da pele. Outras rodopiando até a cabeça sangrar pelos olhos e pelos ouvidos. Ninguém consegue chegar perto pois o campo de força gerado pela ventania é impossível de ser atravessado.

Mas o que aconteceu?



Um xamã de Instagram, *desinfluencer* espiritual, *coach* da autoajuda mística conseguiu convencer centenas de pessoas (que pagaram literalmente caro por isso) de que seria possível uma integração absoluta e instantânea com o Cosmos, com o princípio de tudo e que haveria um atalho para outras dimensões a dois mil anos-luz da Terra. Pertinho, bem ali na esquina cósmica. Era só tomar um líquido chamado kriptó-anitta que todos se ligariam ao funk das galáxias, sentiriam a vibração, o ritmo do inominável, do indescritível, do indiferenciado, do caos consignado em nossos corpos e que seria finalmente acionado na sua plenitude atômica de vibrações energéticas pulsantes e descomunais provocando uma elevação dos espíritos rumo ao que não tem começo nem fim. Centenas tomaram a kriptó-anitta e deu no que deu já que não temos capacidade orgânica pra aguentar de forma plena a explosão, a fervura de imanência da besta-fera caótica consignada em nossos corpos. Corpos que são peculiares e bizarras colagens de vísceras, hormônios e bactérias animadas por som de espíritos. Pode até acionar, mas aguentar pra alcançar um ápice de cósmica união nunca vai rolar.

O xamã de Instagram foi preso em flagrante mas não deixou sua peteca mística cair e declarou: "Vocês não sabem de nada! Eles se entregaram às mutações e vão virar outra coisa na barriga da besta-fera cósmica rumo a outras dimensões. Eles se mandaram numa explosão de prazer indescritível, de êxtase furioso, de atômica volúpia do funk das galáxias seus otários acomodados. O que vocês estão vendo é apenas uma xepa, um resto de reação corporal terrestre porque eles já foram pra outra dimensão a dois mil anos luz daqui viajando nas vibrações aceleradas da kriptó-anitta. Esses corpos girando, flutuando no redemoinho, são como o brilho das estrelas no céu, luz viajante de estrelas que já morreram. Esses corpos se desfazendo pertenciam a pessoas que se foram rumo ao âmago da besta fera conhecida como universo. Vocês jamais sentirão esse êxtase furioso, essa pulsação de forma avassaladora. Continuarão apenas flertando com ela de forma minguada. Tenho dito".

A besta-fera, a besta-fera. ◀

Fausto Fawcett transita entre literatura, música e cinema. Publicou mais de oito livros, entre eles, *Santa Clara Poltergeist* (1990), *Básico Instinto* (1992), *Copacabana lua cheia* (2000), *Favelost* (2002), *Pororca rave* (2015) e *Pesadelo Ambicioso* (2022). Nome expoente do rap rock e da literatura cyberpunk no Brasil. Trabalhou com artistas de diversas áreas como, Fernanda Abreu, grupo Chelipa Ferro, Samuel Rosa, Marcelo Antunes, Deborah Colker, Luiz Zerbini, Maria Bethânia, Marcelo Dantas, entre outros e outras. Participou da primeira turma de alunos do grupo carioca Asdrúbal Trouxe o Trombone, ao lado de Fernanda Torres, Cazuza e Bebel Gilberto.

Os 70 anos de
Grande
Sertão:
Veredas

Luiz Felipe Leprevost



➤ João Guimarães Rosa

De autoria de João Guimarães Rosa, o romance *Grande Sertão: Veredas*, que em 2026 completa setenta anos de publicação, é uma obra sobre a qual podemos afirmar ser infinita. Venho lendo este livro desde que, adolescente, descobri, me encantei, me envolvi e me vi totalmente absorvido pela literatura. Logo cheguei à referência do grande mestre e, com ele, sua obra magna. Minha jornada com o livro tem sido um processo gradual de atração e persistência. Lembro que na primeira abordagem não consegui passar aproximadamente da página 80. Na segunda tentativa, cerca de dois anos depois, avancei um pouco mais. A cada novo retorno, eu lia um pouco mais longe e fundo naquele sertão, rastreando as veredas da linguagem rosiana. Eu atravessei o livro. E o livro fez sua travessia em mim. Este livro que, como um de seus estribilhos afirma e reafirma que "*viver é muito perigoso*". Este livro em que o sertão se transforma no mundo e o mundo se sabe sertão, em que o sertão é dentro da gente. Este livro em que o regional se universaliza, a partir de uma narração profusa, caudalosa. É Riobaldo, o narrador e personagem central, aquele que expressa um vital saber, que, por sua humanidade sem fim, dirá respeito às pessoas de qualquer época ou lugar. Este livro que, ao criar um universo com suas próprias leis, fabulares ou não, à imagem e semelhança dos planos geográficos e físicos, é uma verdadeira dádiva da literatura mundial.

Não ignoremos o fato de que, entre as peles do contador de estórias João Guimarães Rosa, habita um pensador empenhado em apreender o inapreensível, que trabalha com afinco "*entre o inefável e o conhecido*". De minha parte, para esta crônica com a qual pretendo celebrar os setenta anos da obra, na inesgotável fonte do *Grande Sertão: Veredas*, entre as várias camadas de leitura possíveis de serem abordadas, optei por colher o tema do amor, uma vez que ele é um dos eixos expressivos de estruturação do romance. O amor que é uma alegria, conforme elaborado por Espinosa "*em razão da fraqueza de nossa natureza, é necessário amar algum objeto e nos unir a ele para existir*", mas que por isso mesmo, pode gerar angústias quando não realizado em sua completude. O amor, essencial para a vida. O amor como vulnerabilidade humana sendo, na verdade, nossa maior virtude, traduzida em desejo, determinação e entusiasmo. O amor como fragilidade que justifica nossa existência. O amor como atração indeterminada, imperativa. O amor contra o qual é impossível lutar, resistir, vencer. O amor que todavia, infelizmente, não é mais forte do que a morte.

No *Grande Sertão: Veredas* vamos encontrar o amor lascivo, de apelo orgânico; o amor procriador, representativo da continuidade da espécie e, ao mesmo tempo, da manutenção do poder fundiário; e também o amor platônico — o amor, então, apresentado em três faces distintas da vida do protagonista. Carregado dos sentimentos que nutre por Nhorinhá, Otacília e Diadorim, cada uma delas tendo uma cartografia afetiva e espiritual própria, Riobaldo atravessa, ao longo das mais de seiscentas páginas narradas por ele, a imensidão do sertão geográfico e do sertão de sua própria alma.

Nhorinhá representa a satisfação imediata dos sentidos. Paixão amorosa, que toma o outro, *éros*. Amor encarnado, corporal. Trata-se de afeto e tesão realizados, livres de culpas morais, embora carregado de contradições. Nhorinhá, prostituta, filha de Ana Duzuza, acolhe Riobaldo em sua humanidade mais básica e despida de missões metafísicas: "*recebeu meu carinho no cetim do pêlo*". Com ela, o jagunço encontra o descanso da carne e a simplicidade de um carinho que não exige decifração: "*ah, a man-gaba boa só se colhe já caída no chão, de baixo... Nhorinhá*".

Otacília "*continuação de amor*", promessa de salvação, acolhimento e recolhimento, *ágape*. Senhorita da fazenda Santa Catarina, representa porto seguro, calma. É pureza idealizada. Desperta em Riobaldo sentimentos, por assim dizer, convencionais e elevados. Não havendo arrebatamentos hiperbólicos ou carnais. É a partir de Otacília que Riobaldo anseia intimamente largar de lado a violência as armas, aceitando a redenção de uma vida simples e pacífica: "*vontade vã de ser dono de meu chão, meu por posse e continuados trabalhos, trabalho de segurar a alma e endurecer as mãos. Estas coisas eu pensava repassadas*". Ela é possibilidade de futuro, terra firme, estabilidade, reintegração social após a travessia da "jagunçagem". Otacília seria o sertão enfim domesticado, a salvação da alma por meio da ordem e da fé. Otacília então, para quem Riobaldo, não podendo oferecer para Diadorim, acaba dando de presente uma pedra de topázio. Otacília que virá a ser sua esposa: "*de mim, pessoa, vivo para minha mulher, que tudo modo-melhor merece, e para a devoção. Bem-querer de minha mulher foi que me auxiliou, rezas dela, graças. Amor vem de amor. Digo. Em Diadorim, penso também – mas Diadorim é a minha neblina*".

➤ Reprodução da capa e contratraca ilustrada por Poty Lazzarotto para a 1ª edição de *Grande Sertão: Veredas* (Livraria José Olympio, 1956)



Diadorim é o amor maior de Riobaldo, amor que desafia as leis do cangaço, a moral patriarcal e as convenções. Exerce fascínio, poder hipnótico e dominador. Esse amor está marcado de forma indelével pela ambivalência da identidade de Diadorim, por isso mesmo, impossível, secreto e trágico. O sentimento do protagonista por Diadorim nasce na juventude, durante a travessia de canoa pelo rio São Francisco, ali se opera a entrada de Riobaldo no reino misterioso da amorosa sensibilidade humana. Desde aquele primeiro encontro, algo desperta nele e não sossega nunca mais, estendendo-se por toda a vida como força arrebatadora. Ao longo do livro, assim como a dúvida insolúvel a respeito da existência do Diabo e o fato de se ter operado mesmo ou não pacto de Riobaldo com o Demo, também a incessante busca pela tentativa de definição do amor por Diadorim está em cena: *"gostava de Diadorim, dum jeito condenado; nem pensava mais que gostava, mas aí já sabia que gostava em sempre"*. O impossível, o não realizável, ou seja, a tragédia da relação reside na repressão, no silenciamento forçado: *"Diadorim era o meu amor, e eu não podia dizer a ele"*. Riobaldo ama um homem marcado pelo signo do enigma: *"como é que se pode gostar do verdadeiro no falso? Amizade com ilusão de desilusão. Vida muito esponjosa. Eu passava fácil, mas tinha sonhos, que afadigavam. Dos de que a gente acorda devagar. O amor? Pássaro que põe ovos de ferro. Pior foi quando peguei a levar cruas minhas noites, sem poder sono. Diadorim era aquela estreita pessoa — não dava de transparecer o que cismava profundo, nem o que presumia"*. Tal amor alimenta em Riobaldo angústia e culpa pecaminosa, além do medo constante da desonra. Ele deseja tocar Diadorim, mas é contido pela barreira do gênero. Diadorim, por sua vez, carrega o peso de um juramento de sangue. Abdicou de sua identidade feminina (Maria Deodorina) e adotou a persona de um jagunço para vingar o assassinato do pai, Joca Ramiro. Esse segredo intransponível é que faz da convivência dos dois um constante jogo de aproximações e recuos. Portadora dos mais secretos e complexos sortilégios, a figura de Diadorim projeta-se na interioridade de Riobaldo evocando o mistério e a sombra intuída do Diabo. Talvez possamos dizer que por não ter ja-

mais havido conjunção carnal entre Riobaldo e Diadorim, o amor não se realizou por completo. Mas também é possível que, em certa medida, enquanto *philia*, amizade compartilhada, entusiasmo e alegria (potência de agir e existir), no sentido espinosiano, em algum nível nessa relação o amor se cumpriu. O convívio entre os dois, no entanto, tem um final intensamente doloroso. Riobaldo vence a guerra contra o bando de Hermógenes, mas acaba perdendo o grande amor de sua vida. O enigma se esclarece pelo sangue e pela perda. É no leito de morte que a face oculta de Diadorim se revela. O corpo ensanguentado está sendo lavado e ali se sabe que Diadorim era uma mulher. O choque é devastador para Riobaldo. No exato instante em que descobre que seu amor podia ter se realizado carnal e moralmente, ele o perde para sempre. Riobaldo, desde o primeiro encontro, quando ambos eram meninos e navegaram pelo rio São Francisco, amou em razão. O amor sendo a primeira graça. Diadorim personifica a própria essência do potencial humano que, mesmo que se concretize, encontra seus limites, permanecendo a falta que o idealiza e o concebe. Daí que da morte de Diadorim, Riobaldo reste para sempre inconsolável. ◀



Luiz Felipe Leprevost é escritor, diretor da Biblioteca Pública do Paraná (BPP) e membro da Academia Paranaense de Letras (APL). Com formação em Artes Cênicas pela Casa de Artes de Laranjeiras (CAL), já publicou romances, contos, poesias e peças teatrais. É autor da coluna "Esquetes de Curitiba", no jornal *Diário Indústria & Comércio*. Também atua como colunista no *Jornal Plural* e no programa ID Paraná, da TV Paraná Turismo.

Questões
de classe
O lugar
que
ocupamos
de bell hooks

Cida Bento

O *Cândido* publica em primeira mão o prefácio de Cida Bento para o livro *Questões de classe: o lugar que ocupamos*, de bell hooks, lançado neste mês, uma coedição da editora Elefante com a Oficina Palimpsestus



bell hooks nasceu em 1952 em Hopkinsville, então uma pequena cidade segregada do Kentucky, no sul dos Estados Unidos, e morreu em 2021, em Berea, também no Kentucky, aos 69 anos. Com uma prolífica carreira como professora, escritora e intelectual pública, passou pelas universidades de Wisconsin, da Califórnia e Stanford, e lecionou nas universidades Yale, do Sul da Califórnia, Oberlin College e New School, entre outras. Em 2014, fundou o bell hooks Institute. É autora de mais de trinta obras sobre questões de raça, gênero e classe, educação, crítica cultural e amor, além de poesia e livros infantis, das quais a Editora Elefante já publicou *Olhares negros*, *Erguer a voz* e *Anseios* (2019); *Ensinando pensamento crítico* (2020); *Tudo sobre o amor* e *Ensinando comunidade* (2021); *A gente é da hora, Escrever além da raça* e *Pertencimento* (2022); *Cultura fora da lei* e *Cinema vivido* (2023); *Salvação e Comunhão* (2024) e *A vontade de mudar* (2025).

O lugar que ocupamos

Hoje em dia está na moda falar sobre raça ou gênero. Classe é o assunto que ficou de fora da conversa; é o assunto que nos provoca tensão, nervosismo e dúvida em relação ao lugar que ocupamos. Em menos de vinte anos, nosso país se tornou um lugar onde as pessoas ricas de fato governam. Houve uma época em que a riqueza proporcionava prestígio e poder, mas não determinava sozinha os valores da nossa nação. Apesar de a ganância sempre ter feito parte do capitalismo estadunidense, foi só recentemente que ela estabeleceu o padrão de como vivemos e interagimos no dia a dia.

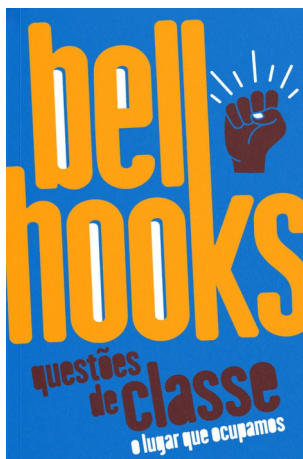
Muita gente que mora neste país, inclusive eu, sente medo de pensar sobre classe. Pessoas liberais abastadas que se preocupam com a vida precária de quem nada possui são diariamente zombadas e ridicularizadas. Elas são culpabilizadas por todos os problemas do Estado de bem-estar social. O cuidado e o compartilhamento passaram a ser vistos como traços de fraqueza idealista. Nossa nação está se tornando uma sociedade cada vez mais segregada por classes, em que a precariedade de quem não tem dinheiro é esquecida e a ganância de quem acumula grandes fortunas é moralmente tolerada e aprovada.

Como sociedade, temos medo de dialogar sobre classe, muito embora a desigualdade cada vez maior entre a riqueza e a pobreza já tenha estabelecido o cenário para a constante e prolongada luta de classes. Como uma cidadã que mudou da classe trabalhadora para o mundo da abundância, eu sofri durante muito tempo para compreender a classe em minha vida, para aceitar o que significa ter tanto enquanto tantas pessoas têm tão pouco. Minha família e minhas amizades estão entre essas pessoas. Assim como a vasta maioria das mulheres neste país, eu acredito no cuidado e no compartilhamento. Quero viver em um mundo onde haja o suficiente do básico e do necessário para todo mundo. Mas a aplicação dessas crenças na experiência cotidiana não é um tópico fácil nem simples.

Estes ensaios sobre classe abordam questões de responsabilidade nacional e pessoal. Eu escrevo sobre os problemas de classe que mais afetam intimamente a minha vida e a de muita gente que está tentando encontrar maneiras de ser responsável, que acredita na justiça, que deseja se posicionar. Escrevo sobre a minha trajetória no mundo da classe trabalhadora para a consciência de classe, sobre como o classismo solapou o feminismo, sobre solidariedade com as pessoas pobres e sobre como enxergamos as pessoas ricas. É claro que estes ensaios abordam o consumismo e as formas com que o desejo por abundância cria uma política da ganância.

Mulheres de todas as raças e homens negros estão rapidamente ocupando os níveis mais baixos na escala da pobreza. Quebrar o silêncio — falar de classe e aceitar o lugar que ocupamos — é um passo necessário se quisermos viver em um mundo onde a prosperidade e a abundância possam ser compartilhadas, onde a justiça possa ser percebida em nossa vida pública e privada. A hora de falar sobre classe, de saber como nos posicionamos nesta sociedade de classes, é agora — antes que seja tarde demais, a ponto de não conseguirmos mais sair do lugar nem tenhamos a possibilidade de mudar nossa classe ou o destino da nossa nação. <

> *Questões de classe: o lugar que ocupamos de bell hooks, traduzido por Larissa Bontempi (Elefante, 2026)*





Cida Bento é ativista, psicóloga e escritora. Nasceu em São Paulo em 1952, doutora pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) e cofundadora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT). Um dos nomes mais relevantes do movimento negro brasileiro da atualidade, foi eleita pela *The Economist* uma das cinquenta pessoas mais influentes do mundo no campo da diversidade em 2015. É autora de *O pacto da branquitude* (2022).

O
"livro estrada"
de Eric Rodrigues
viagem
por entre
as ausências

José Carlos Fernandes

► Nascer do dia no sertão: caminho entre Ribeirão da Folha e Minas Novas

Permitam-me a primeira pessoa.

O livro *Comadre São – memória familiar e oralidade* (Letras e Versos, 2026), de Eric Rodrigues, me é íntimo. Vi-o nascer, ao longo de quase um ano, período em que o autor – então graduando de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – produziu-o como trabalho de conclusão de curso. Para mim, poderia ser rotina – afinal, são quase 30 anos de magistério e um sem número de orientações. Mas foi tudo, menos repetição. Explico.

Em si, Eric Rodrigues se mostrou previsível, uma espécie de orientando modelo. Comparecia a todos os nossos encontros, cumpria de forma quase monástica cada etapa do cronograma. Na escolha do tema, dialogava com questões contemporâneas – a memória, a escrita de si, a "guinada subjetiva". Tinha a seu dispor uma farta bibliografia, que devorou com apetite e disposição atlética. Os fatos da vida é que deram de ser desobedientes, obrigando o autor, que tinha planilhas perfeitas para enfrentar a escrita de um livro, a seguir o curso de rios nada brincalhões com ele. Nem comigo.

Do alto de tantos TCCs – com folga a atividade mais prazerosa do ensino superior – caí de bunda. Explico. Há uma tendência natural, nos casos em que a realidade se torna impertinente, de aplicar a regra da "resolução". Em bom português, "quem não tem cão, caça com gato". Cai por terra uma possibilidade, busca-se outra. Só que Rodrigues não quis remendos. Em vez de procurar saídas fáceis a cada nova prova de obstáculos, ele as incorporava ao livro, distanciando-se solenemente dos truques próprios dos livros-reportagem e das reportagens que flertam com o jornalismo literário. Na contabilidade final, em se tratando das métricas acadêmicas, *Comadre São* veio ao mundo como um livro inclassificável.

Bem que tentei lhe dar um rótulo. E acredito que outros devem fazer o mesmo, assim que se aventurarem pela leitura dessa obra que – e isso é uma unanimidade – nos suscita o desejo do abraço. Alerta máximo: não se trata de fofura, de encantamento comercial. Longe disso. Eric, inclusive, vacinou-se para não cair na tentação da pieguice, desobrigando o leitor de se emocionar por decreto. E adianto que se dispor a não manipular o público, neste caso, foi difícil pra caramba. A comadre São do título é Maria da Conceição, mãe do autor, e se despede da vida durante a escritura do livro. Lembro de lhe perguntar se queria continuar, assim que passaram as exéquias. Temia que uma depressão braba o arrastasse para debaixo das cobertas. Mas que nada. Se era essa a verdade do livro – a de uma protagonista ausente – que valesse a verdade.

Ainda que tenha sido a maior e a mais dolorosa, a partida de Conceição não foi a única ausência com a qual Eric teve de lidar. Tal e qual o prólogo do também inclassificável documentário *Santiago*, de João Moreira Salles – uma das muitas obras singulares com as quais *Comadre São* dialoga – o autor também fez mapas mentais, prevendo como contaria a história. Mas nada sai como o planejado. Cartas, álbuns de fotografias, certidões, documentos, objetos passados de geração em geração... Nenhum desses aparatos burgueses, onipresentes nos encantadores estudos sobre memória, existem de forma expressiva numa família negra, que migrou de Minas Gerais para o Norte Velho do Paraná.

A própria ideia de família foi derretendo ao longo do *road movie* de Rodrigues, sertão paranaense e mineiro adentro, na busca de amarrar as pontas biográficas de um grupo social enquadrado como "pessoas comuns".

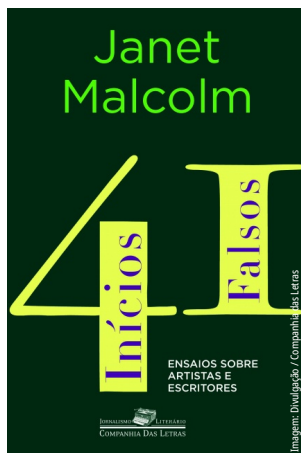
Em vez de rastros, encontrava restos.

A cada novo hiato da trama – ou "espaço vazio", como se diz nos estudos de recepção – impossível não pensar, e até se ressentir com quem operou o sequestro da história dos simples. Longe da obra promover um acerto de contas com essa sacanagem de escala federal, iniciada com a chaga da Escravidão. Mas a ferida está lá, pairando em meio aos encontros de Eric com seus anônimos em estado bruto. Não os objetifica, como é de praxe em algumas práticas jornalísticas, mas mostra que cada um tem o hálito da vida. A essa altura, o leitor já está abraçado ao texto.

► Paisagem de Mato Grande, área rural de Minas Novas



➤ Coletânea
*41 inícios falsos –
ensaios sobre
artistas e escritores
de Janet Malcolm*
(Cia. das Letras, 2016)



Nas muitas tentativas que fiz de produzir leituras cruzadas, que me ajudassem a encontrar vocabulário capaz de expressar a força de *Comadre São*, lembrei de Janet Malcolm. Cínica, desbocada, arrogante, não importa. Eu a amava. Essa mestra entendia das sombras. Cultivo, em particular, um texto dela que me persegue: "Reflexões sobre autobiografia de uma autobiografia abandonada", incluído na coletânea *41 inícios falsos – ensaios sobre artistas e escritores* (Cia. das Letras, 2016). Recomendo.

Nas entrelinhas desse acerto de contas, penso, Janet acusa o jornalismo de tê-la viciado em realidade, inibindo a capacidade de imaginar. A imprensa teria matado a ficcionista – e lhe parecia tarde demais para "mudar de pele", como diz. Pois é. Só que paira uma suspeita – Malcolm está blefando, mais uma vez. Sim, ela prefere a realidade – e nem poderia ser diferente, porque a realidade é um tesão. Creio que Eric Rodrigues fez percurso semelhante. Não se intimidou diante dos "zilhões" de conceitos que problematizam o real, a objetividade, e os assumiu como barro do qual o jornalismo é feito. Ao tirar para dançar cada um dos vazios, cada uma das perdas que encontrou entre Curitiba, de onde partiu, e Mato Grande (MG), onde chegou, imprimiu a vida, essa aventura imperfeita, injusta e magnífica mesmo quando nos joga na fogueira.

Comadre São é, sim, um livro-reportagem, de caráter autobiográfico e coisa e tal. Mas é sobretudo uma espécie de água-forte, com água tinta, gravuras que pedem traços feitos com coragem, entregues ao ácido, mas que quando impressas dizem de onde veio. Goya? Goya. Mesmo as linhas obscuras nos entregam uma poética que ficcionista nenhum de gabinete seria capaz de produzir. Janet sabia disso. Eric também. Por isso, *Comadre São* não é livro de chorar a mãe perdida, a história repleta de lacunas. É "livro estrada", pede que a gente saia de onde está e arregale os olhos. O lugar comum reservado aos anônimos – em determinados estratos do jornalismo – não vestem as pessoas que agora moram dentro dessa obra instalação. Tinha de ser assim. Ou seria mentira.

Confira um trecho de *Comadre São*



➤ *Comadre São –
Memória familiar
e oralidade*
de Eric Rodrigues
(Letras e Versos, 2026)

Perguntas sem respostas

É na cozinha que as coisas acontecem. Nas visitas de fim de semana, entre cafés matinais, almoços e lanches da tarde, as prosas vão longe e atravessam o cotidiano, a intimidade e as menções aos conhecidos. Foi perto do Natal de 2022 e em um cenário assim que minha mãe gastou os neurônios para buscar respostas sobre o seu passado, sua terra e sua verdadeira mãe. Após trinta anos de convivência, eu e ela percebemos, naquele instante, que a nossa memória familiar era, até então, sensível e limitada.

Conversas como a que tivemos naquele dia são frequentes nos grandes encontros familiares e sempre acontecem em torno de mesas cheias de comidas típicas de Minas Gerais. As bocas comem e bebem enquanto falam de tal comadre que mandou um abraço, do compadre que viajou, dos filhos e enteados que cresceram, das mudas de chá para curar as dores e de outras coisas mais sobre a vida. Esses rituais ficam guardados na memória. Porém, tendem a mudar suas essências. O sotaque mineiro, por exemplo, é uma dessas marcas que se diluíram ao longo do tempo e espaço. O que antes soava "mineiro baianizado" da terra natal, hoje se mescla com a atmosfera do interior do Paraná.

Minha mãe é assim: mineira de certidão e paranaense de criação. Seu nome é Maria da Conceição Rodrigues Barreiro, mas os membros da família a chamam de Comadre São. Nasceu no nordeste de Minas Gerais, em Mato Grande, área rural de Minas Novas, em 20 de agosto de 1969. Foi registrada dois anos depois; porém, meu avô, o "falecido" Izalino Rodrigues Barreiro, sempre garantiu que o mês e o dia estavam corretos no documento. Quando perguntam a idade, minha mãe responde com a qual lhe deixa mais jovem — parece ser uma forma de enganar o tempo.

O caminho do sertão mineiro até os Campos Gerais do Paraná passa de 1,5 mil quilômetros. Nas malhas rodoferroviárias inauguradas pelo presidente Juscelino Kubitschek e consolidadas pelos militares que tomaram o poder em 1964, minha mãe tomou rumo para o Sul em 1973. Ela e outros 31 mineiros embarcaram num ônibus em busca do 'Brasil do futuro'. A pe-

quena retirante nunca mais voltou. Das memórias dessa diáspora, lembra-se de pouco, mas jamais esqueceu da farinha de milho enfiada goela abaixo para enganar a fome. Sua mãe biológica ficou em Minas Gerais com os filhos que conseguiu segurar nos braços. Nunca mais a viu. Essas cenas eram, até aqui, os limites divi-sórios da sua lembrança; até onde dava pé. Daí em diante, a vida existe; para trás, é um breu. Memórias fotográficas, documentos... tudo isso é quase nulo na história da sua vida. Resta a oralidade.

Em um certo momento, nas nossas conversas iniciais da pesquisa, minha mãe compartilhava que o ato de recordar se ofuscava aos poucos. A busca pelas memórias cansava e, muitas vezes, escapava do consciente. É incomum esquecer das coisas aos 50 anos, mas a cabeça estava abarrotada de preocupações do presente-futuro, sobretudo quando um câncer eclodiu no mesmo órgão que me trouxe à vida. Foi um baque. A má notícia chegou dias após meu aniversário, em janeiro de 2024.

Apesar dos pesares, combinamos de trabalhar juntos nesta empreitada. O tema da pesquisa seria o meu trabalho de conclusão de curso de Jornalismo na Universidade Federal do Paraná e já estava definido desde o primeiro semestre de 2023. A ideia de mergulhar nas recordações familiares ganhou força a partir das nossas conversas e, devido à doença inesperada, desvendar esses mistérios tornou-se uma sina entre nós dois.

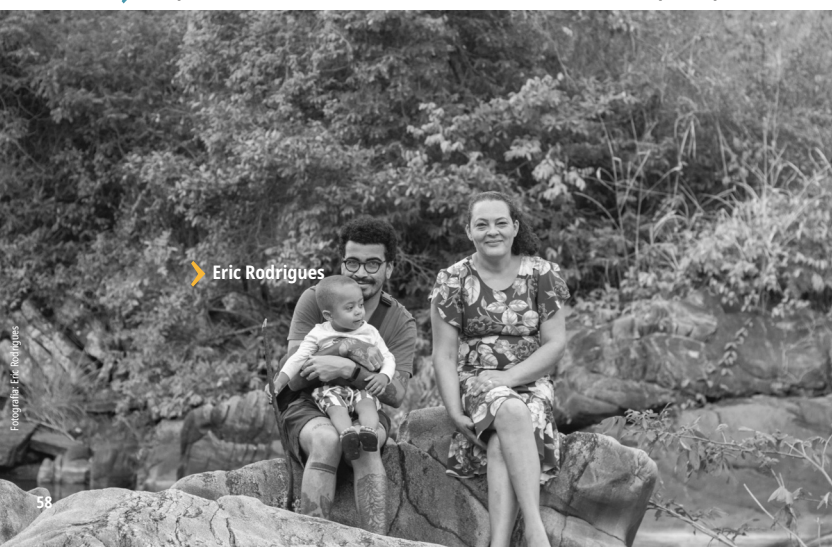
À medida que as pesquisas do livro avançavam, minha mãe resistia às sessões de radioterapia, quimioterapia e braquiterapia. O tratamento era intensivo e estava programado para durar cerca de 45 dias. De segunda a sexta, recebia uma rádio; a quimio e a bráqui eram aplicadas uma vez por semana. Os efeitos colaterais — enjoo, fraqueza, diarreia — apareceram nos primeiros dias. No meio disso tudo, ela encontrou motivos para celebrar a resistência dos cabelos castanhos — a parte de si mesma de que mais gostava.

Mergulhados no mundo novo da doença, nossa família se viu perdida com tantas perguntas sem respostas na seara da saúde. E assim, alguns remédios desconhecidos passaram a integrar nossas rotinas: um

cortava o vômito, outro controlava a dor no corpo, aquele dava um jeito na pressão arterial, e mais esse que estimulava a alimentação. No fim das contas, nenhum deles conseguiu evitar a perda de oito quilos em trinta dias, nem a falta de disposição para ficar em pé.

No meio desse processo, houve vezes em que comentei sobre a dúvida da continuidade do projeto. Ela não me deixou desistir e sempre respondia de pronto que era uma questão de honra prosseguir. Mesmo não sendo uma leitora de livros, imaginava que este material seria uma forma de se conectar ao seu passado. Além disso, como mãe, poderia mostrar aos chegados que o seu filho se tornou um jornalista escritor — o primeiro graduado da família. <

> Nas pedras da borda do Setúbal, onde as mulheres lavavam as roupas no passado



> Eric Rodrigues



José Carlos Fernandes é jornalista profissional e professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Os
chupins
e o
boi de
matadouro

Cristina Bresser

Você nasceu na família certa. Filho de milico, neto de milico, sobrinho de milico, você não se tornaria um milico também. Filhos de milicos geralmente são revoltados. Você nunca foi revoltado, você é folgado demais até pra se revoltar contra os castigos que o psicopata do teu pai tentava te infringir.

"Onde já se viu raspar a cabeça do moleque porque ele repetiu de ano? Não vai tirar a televisão que eu dei a ele de Natal somente por ter ficado de segunda época. Ele não vai trabalhar de embalador em mercado nenhum, não é justo!" Naquela família, ser o primeiro e único neto varão sempre foi garantia de privilégios oferecidos pelos avós, e pela tia mais nova também. Pra que talento, disciplina e comprometimento com o que quer que fosse, se um pintinho pendurado entre as pernas era suficiente!?

A tia projetava em você os desejos que um dia tivera pro filho ausente. Não importava que fosse feito de um material muito menos nobre e pouco resistente que o infante perdido. A esperança, no caso dela, já tinha morrido, e a ilusão era o que a empurrava da cama todas as manhãs exibindo um olhar manso.

Você foi crescendo e teus prêmios, aumentando. "Se passar no vestibular, ganha um carro!". Passou numa faculdade em que bastava pagar a inscrição pra ter direito à vaga, já que quem tinha vergonha na cara não se matriculava lá. Vergonha na cara pra que, se você tinha avós que compravam tudo o que você queria? Só não te compraram caráter, porque isso nunca cogitaram que te faltava.

Pra um avô que já tinha comprado policial, delegado e juiz pra não prender os filhos bêbados que espancaram um vizinho, o que era comprar um carro novo, depois de você já ter destruído duas motocicletas? Sem contar o aborto pago, e nunca mencionado, da filha da empregada, e os guardinhas subornados quando você ainda não possuía carteira de habilitação.

A tia, carente de recursos financeiros na época, mas carregando a marca a ferro da família no lombo, transbordava de dedicação a você. Além de levantar de madrugada pra te alimentar, egresso faminto da farra, resignada acompanhou a moça à clínica pra interromper a gravidez – era o melhor pra menina, coitada. Plá-

cida, a tia ficou quarenta dias internada contigo no hospital durante teu segundo acidente de moto. Sem contar os pequenos mimos, que você, berne encravado, sugava dela diariamente.

E a tua vida continuou tranquila entre um presentinho aqui, uma encostada ali, uma chupinzada acolá. Você sempre escolheu teus amigos pelo tamanho do barco, pela marca do carro e pelo título do clube que eles frequentavam. O que falar das namoradas, então? Sempre mais de uma ao mesmo tempo, que a vida é curta, e as mulheres, tontas.

Um dia encontrou a mais tonta delas. Aquela que era sempre esquecida na mesa durante os bailes do clube, a que tinha acabado de tomar o fora de um sujeito, roto como você, mas com a pele num tom escuro a mais do que família dela gostaria. O vovô já tinha morrido, a vovó ficou apenas com a pensão, já que a casa ele tinha dado pros dois filhos homens – a tia tinha aberto mão da parte dela, claro, e a tua mãe já tinha herdado a casa onde a tua família vivia. Agora, era hora de se espertar. O pai da moça, além de posses, tinha status, o que pra você é quase tão importante quanto, né?

Começou te arrumando um bom emprego, depois te deu um apartamento em bairro nobre, pra morar com a filha dele. Bancava os almoços e jantares de fim de semana em restaurantes da moda e as viagens de férias pra Miami. Quando teu filho nasceu – demorou, mas ao menos veio macho –, teu sogro te deu de presente um imóvel comercial no centro da cidade, pra você montar um negócio e não ter que se sujeitar mais à estupidez de patrão. A lanchonete funciona até hoje. Todo dia tua mulher dá duro entre o balcão e a chapa do hambúrguer, ouvindo grosseria de cliente, e suportando essência de gordura como uma segunda pele, enquanto você passa lá pra buscar o caixa e pra dar esporro nos funcionários, aquele bandodevagabundos!

Na primavera, você começa a buscar na internet a próxima viagem de navio. Como o avô não vive mais nem na tua memória, e o sogro é apenas uma fotografia desbotada na estante empoeirada da sala, agora somente sobrou a tia pra você se encostar. A mesma tia que, numa felicidade bovina, limpava, arrumava e cozinhava pra você e pros seus amigos de férias na ca-

sa dela. Aquela, que antes ainda de ser explorada pelos sobrinhos, passou a vida atendendo aos caprichos da irmã mais velha – tua mãezinha.

A tia não precisa de toda a pensão que o vovô deixou pra ela. Não era como a tua mãe, que vivia arrumadinha com roupa de boutique, bolsa de grife e perfume importado. Tua mãe precisava de dinheiro pra pagar cabeleireiro, manicure, massagista, fisioterapeuta, hidroginástica, limpeza de pele, bronzamento artificial. A tia não liga pra essas coisas.

Sorridente, ela usa as roupas que eram da irmã, como fazia quando eram solteiras. Aliás, ela até já se esqueceu da surra que tomou do vovô quando tua mãe contou pra ele que ela estava fumando. E nem se lembra da viagem pra Europa com as amigas que ela perdeu, porque tua mãe convenceu o vovô do absurdo que seria, sozinha no estrangeiro naquela idade! A tia fez questão de dividir a pensão com você e com tua irmã. Quem herda aos seus, leva vantagem e ri por último, não é?



A tua tia continua abastecendo naquele posto de gasolina adulterada, que por pouco não fundiu o motor do carro dela. Mas ela é cliente há tanto tempo, ganha pão de queijo quando enche o tanque e cupom de desconto na pizzaria da esquina. A tia é assim, comprou uma bicicletinha pra dar de presente outro dia e veio com defeito, não acendia as luzinhas. Mas ela não foi devolver, porque o homem da loja tinha dado abatimento de vinte reais e "não aceitamos devolução", por conta do desconto.

Esses dias tua tia recebeu uma nota falsa de troco, mas nem voltou pra reclamar na padaria. Devia ter visto na hora que o dinheiro era falso, mas a catarata atrapalhou. Vai operar assim que a fila do SUS andar, dezoito meses, no máximo. Médico particular custa caro, mesmo fazendo em vezes, como a tua irmã sugeriu. Tua tia não tem como pagar.

Sem falar nos joelhos dela. De tanto subir e descer as escadas do apartamentinho no quarto andar, desgastou a cartilagem. Vai precisar de prótese nas duas pernas pra voltar a caminhar sem muletas. Mas isso vai custar muito dinheiro, nem pensar. Entretanto, o que não dava pra pensar era que, escalando as escadas como se fosse a prancha do caminhão que a transportaria ao matadouro, o coração da tia ia falhar, não é mesmo, José? <



Cristina Bresser de Campos é designer gráfica pela Universidade Federal do Paraná, cursou *Creative Writing* na Universidade de Edimburgo (Escócia). Publicou os romances: *Quase tudo é risível* (Benfazeja) e *Hand Luggage* (Czykmate, Canadá). Autora do livro de crônicas *Pra rir & pra chorar — 11 anos de histórias de proteção animal* e da publicação de contos *Tempo de jaboticaba* (Editora Urutau). Vencedora do Concurso Literário da Degustadora de Histórias – com o romance *Instantâneos de Anas*, publicado em dezembro de 2024 e finalista do prêmio o Melhor de Curitiba 2025, pelo *Jornal Plural*. Seu romance *Raízes Aéreas* (Editora Mondru, 2025), foi lançado na Academia Paranaense de Letras. Além de ter recebido premiações em outros países, publicou também no Canadá, Austrália, Estados Unidos, Inglaterra, França, Grécia e Índia.

Quase
dá
para
chamar
de
dança

Emily Bandeira

2015

a coisa pequena que cuido e chamo de mim mesma

Venha
comigo
dividir
essa
cerveja



2016

Anotação Szyborskiana

A vida: única oportunidade de perder chaves na grama

vida: única oportunidade de trancar-se fora de casa

de perceber, então, o que seria casa

de tomar uma cerveja de bucho vazio

vida: oportunidade única de escolher permanecer
debaixo da chuva

de criar expectativas,

esperando alguém que irrompa na frente do bar e

venha dividir essa cerveja comigo.

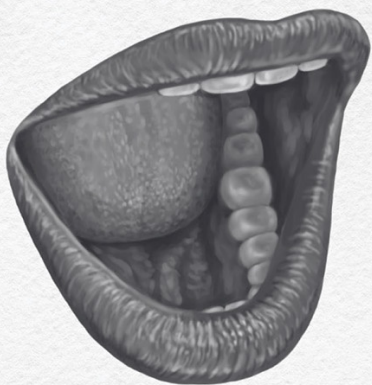
2017

Com o céu da boca queimado
e o coração descompassado
seguimos sem muito entender

Cidade estranha, não sei se é você que me habita
mas definitivamente algo se passa
que não te entendo

E não me entendo entre tuas quadras
caminho quase sonâmbula
mas acordada demais, meu deus

acordada demais



O
jeito
da
gente
ficando
mais
turvo

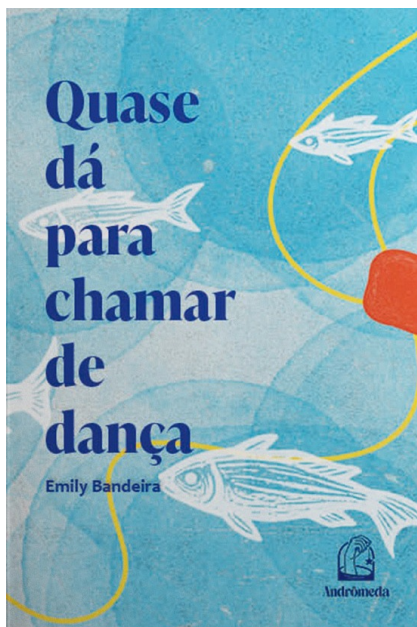
2024

Leio poemas de uma nova poeta
e me impressiona seu desejo voluptuoso

me pergunto se meu desejo
anda volumoso assim

sinto meus sentidos aguçados
ao caminhar entre as ruas
mas ando disfarçada de águas túbias

– mornidão mansa <



> *Quase dá para
chamar de dança*
de Emily Bandeira
(Andrômeda, 2026)



Foto: Manu Lacer

Emily Bandeira é escritora e tradutora. Nasceu em Caruaru (PE) e mora em Brasília (DF). Os poemas publicados no **Cândido** são do recém-lançado *Quase dá para chamar de dança*, pela editora Andrômeda, uma seleção cronológica de seus escritos, produzidos entre os 10 e os 29 anos. Publicou de forma independente as plaquetes *sardas* (2016), *cardápio de amar ou coisa assim* (2018) e *margília* (2019). Formada em Línguas Estrangeiras Aplicadas pela Universidade de Brasília (UnB), trabalha como tradutora e intérprete de inglês e espanhol. Em 2024, traduziu o livro *Hidrografia Doméstica*, do argentino Gonzalo Castro.

A primeira do filme

Amanda Renaly

Existe algo muito precioso na fotografia analógica: a imprevisibilidade e as imperfeições. Claro, digo isso do ponto de vista de quem não é profissional e dispara apenas por diversão. Mas acredito que o charme está justamente nesses dois fatores, somados ao tempo e à espera. É preciso gastar cada pose, enviar o rolo para o laboratório e aguardar o retorno para só então descobrir como esse experimento se concluiu.

Entre fotografar, finalizar as 24 ou 36 poses, mandar para a revelação e receber o resultado, o processo pode levar dias, semanas ou (como acontece frequentemente comigo) meses.

Por isso, quando o e-mail com as fotos finalmente chega, é um momento mágico. Ele se torna ainda mais especial se o rolo foi bem-sucedido (o que, para uma amadora como eu, significa ter acertado o básico: fotos que não ficaram nem sub ou superexpostas, e um número honesto de imagens nítidas). Mas a verdade é que tudo fica ainda mais bonito quando o arquivo já abre com um vislumbre da "primeira do filme".

Ela acontece porque a ponta do rolo fica exposta à luz na hora de carregar a câmera. Ao fazer o primeiro disparo, o quadro registra metade da imagem nova e metade do filme que já tinha sido queimado pela luz. Um encontro puramente químico e físico, confinado no primeiro frame.

Encontrar essas surpresas no rolo é sempre um presente. Estas são algumas das minhas "primeiras do filme" favoritas, capturadas ao longo dos últimos anos. Todas as fotos foram feitas com a minha querida Canon AE-1, reveladas e digitalizadas pelo Lab:Lab Analógico. ◀

Amanda Renaly (Barueri, SP), mora em Curitiba desde 2014. Formada em Relações Públicas com Mestrado em Comunicação e Política pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Possui múltiplos interesses, sem a pretensão (ou habilidade) de ser especialista em nenhum. Atualmente, trabalha no setor de Comunicação da Secretaria de Estado da Cultura (SEEC-PR).



➤ **Orelha (2022)**
Lomochrome Metropolis 200



➤ **Orelhinha (2019)**
Kodak Colorplus 200



➤ **Da janela (2020)**
Kodak Colorplus 200



➤ **Férias em Superagui (2019)**
Kodak Xtra 400



➤ **krakow (2023)**
Kodak Gold 200



➤ **Senhor do Bonfim (2023)**

Era Uma Vez no Lab: Lab 500T – Kodak Vision3 52190



➤ **Casamento giushua (2025)**

Harman Phoenix II 200



➤ zezinho ½ (2020)
Kodak Colorplus 200



➤ **Joaquim na FLIP (2025)**
Fomapan p&b 200



➤ **lc/ps (2022)**
Fomapan p&b 200



► *un balcon à Nice* (2020)
Kodak Gold 200

EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária da Cultura do Estado do Paraná

Luciana Casagrande Pereira Ferreira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editora

Marianna Camargo

Redação, pesquisa e produção

Felipe Azambuja

Isa Honório

Leticia Lopes de Souza

Maria Beatriz Peres

Estagiária

Naomi Mateus

Colaboradores desta edição

Amanda Renaly

Cida Bento

Cristina Bresser

Emily Bandeira

Fausto Fawcett

José Carlos Fernandes

Capa e ilustrações

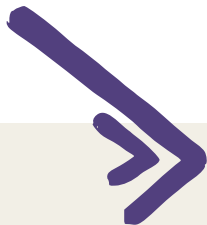
Auíri Tiago

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Iuri De Sá



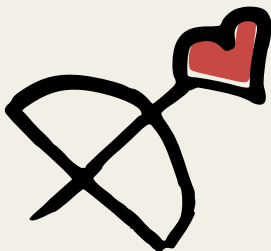
Cândido

jornalcandido@gmail.com

bpp.pr.gov.br/Candido

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)

[facebook.com/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



PARANÁ 
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA